

INTRODUÇÃO À SEMIÓTICA

Coleção **INTRODUÇÕES**

Coordenação: Jakson Ferreira de Alencar

- *Introdução à educação*, Celso Antunes
- *Introdução à ética teológica*, VV.AA.
- *Introdução à sociologia: Marx, Durkheim e Weber – referências fundamentais*, Maura Veras
- *Introdução à teologia fundamental*, João Batista Libanio
- *Introdução à semiótica*, Winfried Nöth; Lucia Santaella

Winfried Nöth
Lucia Santaella

Introdução à **SEMIÓTICA**

*Passo a passo
para compreender os signos e a significação*



Direção editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Capa
Marcelo Campanhã

Editoração, impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santaella, Lucia
Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação / Winfried Nöth, Lucia Santaella. — São Paulo: Paulus, 2017. — Coleção Introduções.

ISBN: 978-85-349-4521-9

1. Semiótica I. Nöth, Winfried. II. Título. III. Série.

17-03274

CDD-401.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Semiótica: Linguística 401.41

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11



1ª edição, 2017

© PAULUS - 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 - São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4521-9

Sumário

1. A SEMIÓTICA E OS SIGNOS: UMA PRIMEIRA ORIENTAÇÃO	7
1.1 O que é a semiótica?	7
1.2 O signo	8
1.3 O signo, o seu objeto e as “coisas”	11
1.4 O signo, a sua denotação e sua significação	16
1.5 Signos de signos: Metassignos e signos autorreferenciais	19
1.6 A iconicidade da metalinguagem dos signos não verbais	25
1.7 Brevíssimo panorama da história da semiótica	28
2. A TEORIA DOS SIGNOS DE C. S. PEIRCE	35
2.1 As três categorias universais	37
2.2 Signo, semiose e semiótica	38
2.3 A classificação dos signos	48
2.4 As dez classes exemplificadas	64
2.5 Adendo sobre o homem como signo	83
3. E DE SAUSSURE: FUNDAMENTOS DA SEMIÓTICA ESTRUTURALISTA	91
3.1 A semiologia saussuriana: Projeto de uma semiótica futura	92
3.2 O signo verbal e a natureza dos signos em geral	93
3.3 Sistema, estrutura e o signo	103
4. A SEMIÓTICA HIPERESTRUTURALISTA DE LOUIS HJELMSLEV	113
4.1 Linguagem e semiótica e as estruturas imanentes a elas	114
4.2 O signo e as figuras que os formam	118
4.3 Estratificação: Forma, substância e matéria (sentido)	121
4.4 Símbolos, sistemas simbólicos e sistemas semióticos	130
4.5 A linguagem como instrumento e a sua autonomia estrutural	133
5. SEMIÓTICA FUNCIONALISTA E AS FUNÇÕES SEMIÓTICAS	137
5.1 Pertinência e a função dos signos no sistema	137
5.2 Significação, os sinais e a comunicação	140
5.3 A comunicação e as suas funções	142

6. A SEMIÓTICA DOS CÓDIGOS	151
6.1 Os dois sentidos de código e os códigos primários e secundários	151
6.2 Os códigos da criptografia: Paradigma dos códigos secundários	152
6.3 Os códigos dos semioticistas	154
6.4 Códigos alfabéticos e numéricos	163
6.5 O código rodoviário	170
6.6 Códigos socioculturais e a semiótica dos códigos de Umberto Eco	171
7. A SEMIÓTICA ESTRUTURALISTA E PÓS-ESTRUTURALISTA DE ROLAND BARTHES	175
7.1 Uma semiótica linguocêntrica e estruturalista	176
7.2 Denotação, conotação, mitos e ideologias	178
7.3 O sistema da moda	181
7.4 A virada semiótica barthesiana para o pós-estruturalismo	182
8. A SEMIÓTICA DISCURSIVA E NARRATIVA DE ALGIRDAS J. GREIMAS	187
8.1 O projeto semiótico greimasiano	188
8.2 Significação e o universo semântico	191
8.3 Estruturas modais e aspectuais	199
8.4 Semiótica das paixões	200
8.5 Comunicação como enunciação	201
9. IÚRI LOTMAN: A SEMIOSFERA E A SEMIÓTICA DA CULTURA	215
9.1 A semiosfera	216
9.2 O espaço semiótico imerso num universo não semiótico	220
9.3 Universo de dualismos, níveis e estratificações	223
9.4 A semiosfera de Lotman como um sistema autorreferencial	227
9.5 A semiótica da comunicação de Lotman	230
10. BIBLIOGRAFIA	239
11. ÍNDICE DE NOMES	243
12. ÍNDICE TERMINOLÓGICO	245

A semiótica e os signos: Uma primeira orientação

A semiótica estuda os signos, mas o que é um signo? Vamos procurar encontrar as primeiras definições na história da semiótica, para que possamos saber mais sobre esse campo de estudo num mapeamento introdutório da disciplina.

1.1 O que é a semiótica?

“O que é semiótica”, perguntou Lucia Santaella em 1983, no seu livro escrito para a coleção “Primeiros Passos” da editora Brasiliense. A pergunta se repete toda vez que a palavra é pronunciada entre pessoas que desconhecem esse campo de conhecimento.

Numa primeira definição, podemos dizer que a semiótica é a ciência dos sistemas e dos processos sógnicos na cultura e na natureza. Ela estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos. Os processos em que os signos desenvolvem o seu potencial são processos de significação, comunicação e interpretação.

A palavra *semiótica* (originalmente *semeiótica*) vem do grego antigo, onde *seméion* significa “signo”. Desde o século XVIII, semiótica e semiologia (ou *semeiologia*) eram termos alternativos para a mesma ciência dos signos em várias línguas europeias. Dos dois termos, o termo *semiologia* predominava na semiótica dos países de língua romana, especialmente na França. Hoje, a palavra *semiótica* entrou em uso mais comum. Mas já

A ciência
dos signos

Semiótica
ou
semiologia

em 1972 a Associação Internacional de Estudos Semióticos havia adotado o termo *semiótica*, ao invés das suas alternativas terminológicas, para designar a ciência dos signos.

Seméion
e sēma

Além de *seméion*, os gregos tinham ainda outra palavra para designar os signos e os sinais, que era *sēma*. Todo mundo sabe o que é um semáforo, mas poucos sabem que esta palavra vem do grego antigo e significa literalmente “carregador de sinais”. Da palavra *sēma* vem também a palavra *semântica*. A semântica é um ramo da linguística e da lógica, que trata do significado das palavras e das proposições.

Semiótica
e semântica

1.2 O signo

Roman Jakobson, no seu *Olhar de relance sobre o desenvolvimento da semiótica*, atribui aos medievais a definição do signo como “algo que está por algo”: “Todo signo é um remetimento (*renvoi*) (segundo a famosa fórmula do *aliquid stat pro aliquo*)” (JAKOBSON, 1974, p. 73). A fórmula é demasiado simplista, e em verdade os medievais nunca a usaram assim (cf. MEYER-OESER, 2011). Embora a fórmula seja parcialmente correta, o problema é que ela reduz o signo a um dualismo, que consiste do signo e de algo indefinido no lugar do qual ele se coloca.

Aliquid stat
pro aliquo

Mais completa é a definição antiga do signo que Aurélio Agostinho (345-430) deu:

O signo é, portanto, uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência dele (*De Doctr. Chr.* 1.1.2).

Essa definição é mais completa, pois nela encontramos o terceiro elemento, que conecta o signo com aquilo que ele representa à mente do usuário ou intérprete do signo. O signo não se define, portanto, como uma relação diádica, mas como uma relação triádica.

Para ficar mais claro, vamos exemplificar a fórmula medieval com um signo verbal. A palavra *pato* “está para ou por”, no sentido de representar ou referir-se a um pato, um exemplar típico daquelas aves dessa espécie que conhecemos através da nossa experiência vivida. O que importa, neste exemplo da regra *aliquid stat pro aliquo*, é que o signo está por ou para uma *outra* coisa.

Em 1897, Charles Sanders Peirce (1839-1914), o fundador da semiótica moderna, ofereceu uma definição do signo que recorda parcialmente a definição de Agostinho. O que Peirce disse é:

O signo [...] é algo que está no lugar de algo para alguém (CP 2.228, c.1897).

Evidentemente, “estar no lugar de” não quer dizer que o signo substitui completamente o objeto ao qual ele se refere. Pelo contrário, o signo nunca pode estar, de fato, no lugar do objeto, seja este presente ou ausente. Nem a palavra *pato*, nem a imagem dele podem substituir um pato real. O pato real pode nadar e voar, a palavra não. Na definição do signo acima, “estar por ou para” significa *representar*. Podemos, portanto, concluir com Peirce, numa primeira definição provisória e parcial do signo:

Para que alguma coisa deva ser um signo, ela deve representar, por assim dizer, alguma outra coisa, chamada seu objeto (CP 2.230, 1910).

Poder estudar, especular, ou ao menos refletir sobre signos é uma característica fundamental da espécie e da cultura humana. Todos os seres vivos, inclusive as plantas, usam signos para se comunicar, porque a comunicação e os signos são essenciais para sobreviver. Sem signos não há vida, o que não significa que só os seres vivos possam emitir e viver entre signos.

Existem também signos não produzidos por seres vivos. O céu nublado significa chuva, o gelo significa que a temperatura caiu abaixo de zero, e febre junto com o congestionamento das vias respiratórias, dores de cabeça e de garganta significam uma gripe. Exemplos deste tipo são os signos naturais. Os médicos costumam chamar os signos naturais causados por uma gripe de sintomas.

As abelhas têm um sistema bem complicado, mas muito bem-sucedido, para sinalizar às suas colaboradoras de onde elas estão trazendo a sua nutrição e onde as colegas podem também encontrar essa mesma fonte. Por meio deste sistema, que se chama a dança das abelhas, elas se comunicam principalmente por meio dos canais olfativos e táteis, quer dizer, as suas mensagens são produzidas e interpretadas pelos sentidos do cheiro e do tato. O cheiro sinaliza a

Estar por

Signos naturais

Dança das abelhas

qualidade da nutrição, enquanto o tato, através da vibração que a dança causa, sinaliza a direção e a distância do lugar das plantas nutritivas.

As aves se comunicam pelos canais acústicos e visuais. Muitas espécies de aves têm uma capacidade de cantar superior à da espécie humana. Os cachorros usam igualmente o canal acústico para se comunicar, mas eles usam também o sentido olfativo (o sentido do cheiro) para se comunicar e interpretar mensagens. O sentido do cheiro de um cachorro é até 200 vezes superior ao dos homens.

Palavras,
signos
verbais,
signos
visuais
e as imagens

Voltemos para os signos humanos. Embora, assim como os outros animais, também faça uso dos sinais sensórios para se comunicar, o humano é o único animal que fala. Assim, a comunicação humana tem seu ponto de partida nos signos auditivos (ou acústicos) articulados e em suas transposições visuais. Estamos falando, portanto, da comunicação verbal que se manifesta pela audição e por sua forma escrita visualizável. Mas o objeto do signo *pato* pode também ser representado por um signo não verbal, como na modalidade visual de uma imagem e também em outra modalidade acústica diferente da palavra (Figura 1.1). A alternativa à representação não verbal do signo verbal é a imagem. A alternativa não verbal à representação acústica do signo verbal é a representação sonora do som que é produzido pela ave. Os quatro signos representam o mesmo objeto, um pato vivo, e esse objeto tem características de carne, osso e penas, que são de natureza bem diferente de letras de tinta sobre o papel em branco.


Signo			
Visual		Auditivo	
Não verbal	Verbal		Não verbal
Imagem	Escrito	Oral	Acústico
	<i>pato</i>	[p'a.tu]	[kwak]

Figura 1.1. Signos visuais, verbais e auditivos.